

# «QUEM É ESTE?»

Apontamentos da Jornada de Início de Ano dos Liceus  
com Julián Carrón e Francesco Barberis

*Milão, 6 de outubro de 2019*

## **Francesco Barberis**

Saúdo todos os presentes, jovens, professores, e aqueles que estão ligados de toda a Itália. «Se não vos tornardes como crianças, / jamais haveis de entrar».<sup>1</sup> Ao começar esta Jornada de Início de Ano dos Liceus, peçamos esta pobreza, este coração de criança que grita por um significado para o presente, não para amanhã, mas para este instante presente. Porque se agora, se neste momento está a começar alguma coisa nova, para mim e para ti, então também no início do dia de amanhã poderei, poderás, desejar esta novidade.

A criança grita, a criança pede, no seio do abraço do pai e da mãe; no seio deste abraço seguro, não tem medo, não receia pedir, e assim a vida recomeça a estremecer, a palpitar em si. É por isso que estou, e estamos, tão agradecidos por hoje estar aqui o Julián. Obrigado por estares aqui connosco para conduzires e apoiares o nosso caminho pessoal.

## **Julián Carrón**

Que emoção me assalta olhado para vocês, pensando em cada um de vocês neste momento tão crucial da vossa vida, em que estão a crescer como pessoas! É justamente agora que vocês estão a descobrir que estão a crescer, começam a ficar adultos, veem ampliar-se as dimensões do vosso coração. Qual é o sinal de que estão a ficar adultos? O facto de começarem a perceber que há algo de misterioso dentro de vocês: há coisas que dantes vos bastavam e agora já não bastam; as coisas «de criança» já não servem para enfrentar esta nova fase da vida. O vosso coração alarga-se, por isso começam a perceber aquilo a que um grande poeta como Leopardi chamava de «Mistério eterno / Do nosso ser».<sup>2</sup>

## **1. A ANGÚSTIA MAIS FREQUENTE**

Muitos fazem uma experiência da vida como a que é descrita pelo filósofo e psicanalista Umberto Galimberti, que à pergunta: «Qual é a angústia mais frequente?», responde: «Aquela que é causada pelo niilismo». O que significa isto? Que nada consegue atraí-los, motivá-los, «tomá-los». Continua: «Os

---

<sup>1</sup> C. Chieffo, “Canção de Maria Clara”. In: *Cancioneiro*. Comunhão e Libertação, p.185.

<sup>2</sup> G. Leopardi, “Sobre o Retrato duma Bela Dama Esculpido no seu Túmulo”, vv. 22-23, *Cantos*, Vega, Lisboa, p. 93.

jovens não estão bem, mas nem sequer percebem porquê». Quantas vezes vocês se sentem assim? «Mas o que é que me está a acontecer, por que não estou bem?», «Por que é que não consigo perceber esta percepção nova e diferente que começo a ter de mim?» Quando perguntam a Galimberti quais são os problemas fundamentais de hoje, ele, com efeito, responde que estes «têm a ver com o vazio de sentido».<sup>3</sup> Em muitos dos vossos contributos vem ao de cima a sensação de que se sentem a ser atirados, como seixos arrastados pela torrente da vida.

«De volta às aulas – disse uma de vocês – sentia-me como se nada me interessasse. A minha pergunta, portanto, é precisamente esta: como posso, como é que faço para despertar deste pesadelo?» E outro escreve: «Sou um enorme recipiente de ânsias e paranóias, mas vazio. Um recipiente vazio, mas a abarrotar de perguntas. No entanto, por que é que alguém me retoma sempre?»

«Às vezes – diz outro ainda – sinto-me sozinho, porque acho que as pessoas à minha volta são como que uma moldura, e eu estou numa bolha da qual não saio. Como é que faço para ultrapassar estes medos que de vez em quando vêm ao de cima se tornam até concretos demais?» E ainda: «Como fazer para sermos nós mesmos na escola? Como fazer para não nos deixarmos engolir pela rotina? Como se faz para permanecermos humanos na escola?»

Por fim, uma amiga escreveu: «Mas por que é que estamos aqui?». É a pergunta da vida! Eu não tenho a resposta, mas quero sabê-la. Não sei a quem recorrer, não sei a quem perguntar. Alguém o sabe, deve sabê-lo! E agora?»

Quem é que pode achar que responde simplesmente com discursos, com apelos morais ou manuais de instrução a todas estas perguntas, que surgem nas situações em que vocês têm de viver? São demasiado grandes as questões que vieram ao de cima para que possamos ter a pretensão de lhes responder só com um manual de instruções.

Há quem até se possa contentar com “meias medidas”, como diz Galimberti na entrevista, mas mais cedo ou mais tarde vai ter de verificar na sua experiência quotidiana se isso lhe basta para viver, para se levantar contente de manhã, para se olhar no espelho, para se suportar, para viver com alegria, para satisfazer aquele desejo de vida que o constitui.

A experiência comprova em nós a presença de um desejo inextirpável de plenitude. Houellebecq – um famoso romancista francês dos nossos dias – confessa que tentou várias vezes arrancá-lo de si, pois a sua existência lhe parecia absurda. «Para mim é penoso admitir que experimentei, cada vez com mais frequência, o desejo de ser amado», ou seja, de encontrar alguma coisa que encha o coração. «Um mínimo de reflexão convencia-me, naturalmente, de todas as vezes, do absurdo de tal sonho: a vida é limitada e o perdão, impossível. Mas [mas] a reflexão não podia fazer nada, o desejo persistia e devo confessar que persiste até hoje».<sup>4</sup>

Cada um de nós, quer queira quer não, qualquer que seja a situação em que se encontra, tem de ter em conta este mistério que somos e decidir se o leva a sério ou não. Levar-se a sério é o primeiro gesto de afeição para consigo mesmo. Eu sou este mistério, eu sou este desejo de plenitude, eu sou este desejo de viver sem medos, eu! E embora muitas vezes digamos: «Não é possível encontrar uma resposta», temos de reconhecer – como o romancista francês – que o desejo persiste, que ainda assim o encontramos em nós. Mas existe verdadeiramente alguma resposta para os nossos medos, para as nossas inseguranças, para o nosso vazio?

---

<sup>3</sup> U. Galimberti, “A 18 anni via da casa: ci vuole un servizio civile di 12 mesi”, entrevista de S. Lorenzetto, *Corriere della Sera*, 15 de setembro de 2019.

<sup>4</sup> F. Sinišić, “Michel Houellebecq. ‘A vida é rara’”. *Passos-Litterae communionis*, n. 216, ago. 2019, p. 33.

## 2. «EXPERIÊNCIA» É A PALAVRA CHAVE DE TUDO

Como é que posso descobrir se existe uma resposta para estas perguntas? Refletindo, elaborando pensamentos? Dom Giussani propõe-nos outro método, simples, ao alcance de todos: a experiência. «O caminho para a verdade é uma experiência». Isto quer dizer que nós só podemos descobrir se existe uma resposta a partir de uma experiência, ou seja, se a vimos acontecer em mim, em ti, na experiência da nossa vida. É fácil reconhecê-la, quando acontece: ela investe de tal forma a vida, muda-a a tal ponto, que uma pessoa diz: «Cá está!» Por isso Giussani sublinha que «a experiência é a palavra chave de tudo».<sup>5</sup> É na experiência que podemos encontrar alguma coisa, alguém, que resista à comparação com aquilo que desejamos, que urge dentro de nós, e se revele correspondente.

Vejamos o que pode acontecer a quem aceita percorrer o caminho da experiência.

«Adianto já que não faço parte de CL. Também adianto que, apesar de dizê-lo me causar algum incómodo, que nem sequer sou crente. Ou melhor, dantes era, quando era mais pequena e ainda aceitava as coisas como me eram apresentadas e pronto, sem fazer perguntas ou ter dúvidas a esse respeito, como é normal numa miúda de 8/9 anos, no fundo. Mas com o passar do tempo e com meu crescimento, tanto físico como intelectual, as coisas já não me caíam bem assim como me eram ditas: de facto, como é que podiam bastar-me aquelas verdades, se não percebia o seu significado? Perdi a minha fé, e durante muito tempo continuei a pensar que estava bem assim, que a fé não me servia para nada na vida. Isto até ao início deste verão [veem? Acontece alguma coisa ao longo do caminho da vida – este verão –, uma experiência nova impõe-se]. Perto do início de junho, com efeito, comecei a sentir uma sensação estranha, um mal-estar interior que me tirava a paz. Era como uma mordida que me apertava o coração, a cabeça, o cérebro, e não me deixava viver plenamente as coisas que fazia. No fundo, o verão é feito para isto, não é? Diversão, diversão e mais diversão. No entanto, por mais que eu continuasse a encher-me de expectativas e apesar de encher constantemente os meus dias com atividades e saídas com os meus amigos, o aperto continuava a manter-me presa, cingida a si. Já não conseguia divertir-me, era como se tivesse um vazio dentro de mim. Depois de algum tempo, sem saber a quem atribuir a culpa deste meu mal-estar, descarreguei-a imediatamente num rapaz por quem me tinha apaixonado e que, só depois de muito, muito tempo, descobri que me estava a enganar. As minhas amigas e os meus pais davam-me razão: era ele a causa do meu mal-estar. Tudo o que eu devia fazer era deixar passar algum tempo, e acabaria por esquecer aquele rapaz. Mas também neste caso fui iludida: com efeito, quanto mais tentava convencer-se de que a razão era aquele rapaz, mais me dava conta de que não era assim. Já não aguentava mais, precisava de respostas. Foi por isso é que fui às férias dos Liceus. Se encontrei a resposta para as minhas perguntas? Acho que sim. Sobretudo graças a uma pessoa que viu em mim alguma coisa que eu, pelo contrário, nunca tinha visto [alguém me olha de uma maneira que eu nunca tinha experimentado antes], e do mais profundo do seu coração disse-me que me percebia, e que eu não estava errada. Que aquilo que me estava a acontecer [atenção!] era uma coisa linda [a coisa mais bonita que podia acontecer], porque Deus, daquele modo, me estava a dar um sinal da Sua existência, aquela mesma existência da qual eu, porém sempre duvidei. Percebi finalmente a que é que se devia aquele vazio».

---

<sup>5</sup> L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*. Milão: Bur, 2000, p. 274.

Esta nossa amiga conta uma experiência – da qual pode indicar o onde, o quando, os protagonistas – através da qual o Mistério, Deus, lhe estava a dar um sinal da Sua existência, uma existência da qual ela tinha sempre duvidado.

Este é o método. Uma rapariga pode ter abandonado a fé, considerando-a uma coisa de criança, que não lhe serve para viver, mas a certa altura acontece alguma coisa diante dos seus olhos, um facto, embate numa presença. Talvez ela não o saiba, mas o seu contributo é a prova exata daquilo que escreve Dom Giussani: «Foi através de uma experiência verdadeira e objetiva que os homens se aperceberam da presença de Deus no mundo. São João escreve [...]: “De facto, a vida manifestou-se, nós vimo-la, dela damos testemunho e anunciamo-vos a vida eterna que estava junto do Pai e que se manifestou a nós”. Através de um experiência verdadeira e objetiva, a presença de Cristo na sua Igreja manifesta na história do homem consciente. Também o encontro com a comunidade cristã [no vosso caso, com os Liceus] [...] é uma experiência verdadeira e objetiva».<sup>6</sup> Embato, de facto, em qualquer coisa real: um grupo de pessoas que vivem de determinada maneira, uma pessoa de carne e osso que me olha de determinada maneira, que me toca o coração, porque é precisamente aquilo de que eu estava à espera.

«Depois do entusiasmo dos primeiros dias de escola, e depois de falado a todos os meus colegas, ao voltar para casa sentia-me vazia e cheia de tristeza. Perguntei-me o porquê desta nostalgia que parecia ser intransponível [começa a usar palavras que jamais usara, por exemplo “nostalgia intransponível”. Isto é o sinal de que ela está a crescer: surpreende em si mesma uma nostalgia intransponível]: as amizades da escola ou da companhia de sábado à noite não me bastam [aquela nostalgia “ajuíza” aquilo que vive], são um nada: procuro um mais, preciso de um lugar como os Liceus, não porque são os Liceus, não é uma questão de propaganda, mas porque é aqui que um Outro pode entrar na minha vida. Assim eu já não me esqueço deste encontro tão magnífico».

O que é que esta rapariga encontrou de tão magnífico, a ponto de nunca mais o esquecer? Qual é a diferença em relação às amizades de antes? Por que fala de um Outro com maiúscula? Porque nos Liceus encontrou um lugar que corresponde finalmente às suas expectativas, às exigências de seu coração; e então faz a comparação: as amizades da escola ou a companhia de sábado não bastam para preencher a sua nostalgia. Aquele mais que ela procurava, encontrou-o num lugar, os Liceus, uma realidade objetiva onde um Outro se tornou objeto da sua experiência. Foi fácil reconhecê-lo. Não é preciso ir para Harvard fazer um *master*, nem realizar um particular esforço intelectual, ou ter um nível de inteligência acima da média: é simples identificá-lo. De facto, o que é que Deus, o Mistério fez para se dar a conhecer?

«Para se dar a conhecer – diz Dom Giussani –, Deus entrou na vida do homem como homem». Não como um fantasma, não como um sentimento, não como algo virtual, mas como homem. Um homem! Deus entra no mundo através de um homem. Naquele dia, João e André embateram num homem, Jesus de Nazaré. Em que é que aquele homem se diferencia de qualquer outro? Ele é capaz de atrair, de preencher, de “bloquear” toda a «a imaginação e a afetividade do homem». Aqueles dois que o encontraram «foram [...] magnetizados por Ele».<sup>7</sup> Aqui está o teste da presença de Deus na história, que nos prova se encontramos a resposta para aquilo que procuramos: se estamos “paralisados”, magnetizados por Ele, tomados.

O Evangelho é o relato espantoso desta experiência que faziam aqueles que encontravam Jesus. «Um

---

<sup>6</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*. Tenacitas, Coimbra 2007, p. 138.

<sup>7</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Bur, Milão 2019, p. 36.

fariseu convidou-o para comer consigo. Entrou em casa do fariseu, e pôs-se à mesa. Ora certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, ao saber que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. Colocando-se por detrás dele e chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas; enxugava-os com os cabelos e beijava-os, unguindo-os com perfume. Vendo isto, o fariseu que o convidara disse para consigo: “Se este homem fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que lhe está a tocar, porque é uma pecadora!” Então, Jesus disse-lhe: “Simão, tenho uma coisa para te dizer”. “Fala, Mestre” - respondeu ele. “Um prestamista tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “Aquele a quem perdoou mais, creio eu”. Jesus disse-lhe: “Julgaste bem”. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste um ósculo; mas ela, desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés. Não me ungeste a cabeça com óleo, e ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso, digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa pouco ama”. Depois, disse à mulher: “Os teus pecados estão perdoados”. Começaram, então, os convivas a dizer entre si: “Quem é este que até perdoa os pecados?” E Jesus disse à mulher: “A tua fé te salvou. Vai em paz!”<sup>8</sup>. Eis uma mulher totalmente magnetizada por Cristo. Não lhe importa nada do que os outros dizem dela, o que estão a pensar nos seus corações; ela está totalmente atraída por aquela Presença, está totalmente tomada por Ele.

Aquela mulher, a resposta aconteceu. Tinha em vão procurado a resposta frequentando muitos homens. Também ela era arrastada pela vida, vítima do nada, mas a certo ponto aconteceu-lhe embater na resposta; já não importava que erros cometera: tinha acontecido alguma coisa que tinha mudado tudo e ela estava totalmente presa àquele homem. Se não se dá um encontro como este, nós ficamos à mercê do nada, nada tem a força suficiente e a atratividade necessária para nos prender; então a vida fica dura de suportar, e nós somos sballottati da tutte le parti.

Nós sabemos que a resposta existe porque nos aconteceu encontrá-la. Não é uma teoria ou um pensamento, mas uma coisa que aconteceu, exatamente como aconteceu àquela mulher.

Como ilustra a canção *Come hai fatto?*, de Modugno: «Mas como é que fizeste com que eu me apaixonasse assim tanto, olho-me no espelho e pergunto-me se aquele ali sou eu / mas como é que fizeste da minha vida uma coisa tua, transformando o tempo numa espera de rever-te [...] mas como é que fizeste, não sei nem quando começou, só sei que na minha vida nunca aconteceu, é a primeira vez que digo verdadeiramente que te quero bem».

A mulher do Evangelho foi tomada até às entranhas por um encontro que preenche o desejo intransponível do seu coração. A fé é este “ser tomado”, é o reconhecimento da presença de Jesus que surgiu naquela mulher. Por isso Jesus lhe diz: «A tua fé te salvou». Ela deixou-se agarrar até às entranhas por uma Presença.

O cristianismo é algo que tem a ver com as nossas entranhas, rapaziada, com os recônditos mais íntimos do nosso eu. É só quando nos toma até aí que conseguimos reconhecê-lo. Tudo, menos abstração; tudo, menos manuais de instrução! O cristianismo, a fé, tem a ver com esta intensidade humana nunca experimentada antes. O cristianismo é um facto ocorrido na história, uma Presença que foi capaz de tomar aquela mulher como mais ninguém antes e que é capaz de te tomar agora e atrair-te até aqui.

---

<sup>8</sup> Lc 7,36-50.

Mas então, uma vez que este facto aconteceu, depois de Deus ter entrado na história para se dar a conhecer ao homem, a única questão para nós hoje é responder à pergunta de Jesus: «Quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?»<sup>9</sup> Encontrará alguém que O reconhece, alguém que está preso como aquela mulher? O ponto não é se Ele nos vai encontrar a falar sobre Ele, a fazer os nossos encontros ou determinados gestos, mas se haverá ainda alguém entre nós atraído por Ele. Há algum de nós que se deixa agarrar por Ele até às entranhas? Esta é a única possibilidade, amigos, para não acabarmos no nada de uma vida vazia e sem sentido.

«No acampamento de verão retomaram bastante o Tríduo, de que eu já me tinha esquecido. Tendo acabado de regressar de África, levei pela primeira vez a sério a pergunta: “O que é que resiste ao impacto do tempo?” De facto, pensei que, por si só, os três acontecimentos que mais mudaram a minha vida não resistem, porque depois do primeiro encontro passei um ano terrível, o meu namorado não me basta e já não estou em África. Na última manhã do acampamento, antes da assembleia, pus-me a ler o livrinho do Tríduo e tocou-me esta frase: «Eis o que resiste ao impacto do tempo: uma Presença que te é sempre contemporânea, porque o Seu olhar te "persegue" de maneira nova e imprevista, através de rostos e lugares sempre diferentes, mas com o mesmo tom, com fidelidade, precisamente ali onde és mais fraco». Assim que o li, percebi o que havia de comum em todos os três acontecimentos: o que resiste é uma preferência absoluta por mim que se repete de maneira sempre diferente na minha vida. Acho difícil chamar-lhe “Presença”, mas tenho a certeza de que em todos os três acontecimentos havia qualquer coisa [esta é a coisa de que temos de nos dar conta: havia qualquer coisa que o tornava diferente] que resiste ao impacto do tempo. Por isso saí do acampamento com o desejo de encontrar em todo o lado esta preferência, esta Qualquer coisa, em tudo, mesmo nas coisas que me fazem sofrer. Isto fez com que se criasse um diálogo com esta Presença, Deus, que agora considero como um amigo. Depois acontece-me muitas vezes traí-l’O, mas sempre estou segura de poder voltar.»

### 3. QUEM É ESTE?

Se isto não acontece agora, se não nos espanta agora, quer dizer que o cristianismo – ainda que continuemos a usar as palavras cristãs – se tornou um passado para nós, alguma coisa que aconteceu, sim, na história, mas «agora estas coisas», como me diziam os meus alunos de Madris, «já não acontecem». Por isso, mesmo quem é muito jovem pode ser já velho na fé. Pelo contrário, «vivo quer dizer presente!», diz Dom Giussani. E não como alguma coisa que geramos com um esforço nosso. Trata-se de uma presença real, objetiva, tão fora de mim que não pode ser obra das minhas mãos, como alguma coisa que uma pessoa só pode reconhecer, quando o encontra: «É ele, é ela!»

Como posso perceber que é ela, que é ele, que é o que estou a procurar? Qual é o sinal mais simples? O sinal é que aquela presença corresponde ao meu coração como nenhuma outra coisa, me enche de espanto e faz jorrar em mim uma pergunta: «Quem é este?»<sup>10</sup>

«Mas quem é este?» Quantas vezes vocês não se terão perguntado isto diante de alguém que estava à vossa frente?! A interrogação não nasce diante de uma coisa virtual, mas diante de alguém de carne e osso: «Mas quem é este?»

---

<sup>9</sup> Lc 18,8.

<sup>10</sup> Mt 8,27.

Oiçam como é que aconteceu no início, há dois mil anos: «Entraram em Cafarnaúm. Chegado o sábado, Jesus veio à sinagoga e começou a ensinar [estavam habituados a ir à sinagoga para ouvir alguém pregar, mas desta vez sentiram o primeiro golpe]. E maravilhavam-se com o seu ensinamento [ensinava como os outros, mas aquele homem era completamente diferente] [...] ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei [não como os do costume, a quem estavam habituados a ouvir. As pessoas notam imediatamente a diferença. Tinham ido à sinagoga muitas outras vezes, mas daquela vez foi diferente]. [...] Tão assombrados [admirados] ficaram que perguntavam uns aos outros: “Que é isto? Eis um novo ensinamento, e feito com tal autoridade!”. E a sua fama logo se espalhou por toda a parte, em toda a região da Galileia».<sup>11</sup>

«Quem é este?» Sabemos que captámos algo único porque não conseguimos bloquear a pergunta: «Quem é este?» É o que nos testemunha esta amiga: «Quem é este, que me permite começar o quinto ano com uma vontade louca de me empenhar em tudo, que permite que eu sinta como amigos Manzoni, Kant, Wordsworth e até a matemática? Quem é que permite uma relação interessantíssima com alguns colegas, mesmo depois de quatro anos juntos na mesma aula? Quem é que permite que uma pessoa finalmente comece a estudar por si? Quem é que torna possível enfrentar um amigo morto? Quem é que permite esta Vida? Seguramente um grande Amigo! Uma Presença presente agora! [uma coisa do passado não muda a vida a este ponto!]. Como se dizia no Tríduo, uma “novidade radical” que não é um produto das minhas mãos nem dos meus pensamentos. Quando acontece esta novidade, reconheço-a porque volta a abrir o meu coração [faz com que me interesse por coisas que nunca teria sonhado achar interessantes, como Kant ou a matemática], renasce em mim a esperança de poder ser reconquistada. Este “mais” é correspondente à expectativa do meu coração. Tornou-se para mim uma Presença viva, que em circunstâncias sempre novas me volta a reconquistar, hoje ainda mais do que ontem. O Seu olhar “persegue-me” de uma forma nova e imprevisível, através de rostos e lugares sempre diferentes, mas também cada vez mais correspondentes».

No tempo de Jesus, as pessoas ouviam muitos comentários sobre as Sagradas Escrituras (assim como hoje nos deparamos com pessoas que fazem comentários sobre a vida e dão bons conselhos), mas não se espantavam com aqueles discursos. O que é que fez a diferença quando Jesus tomou a palavra na sinagoga? O facto de estarem diante de um homem que falava com autoridade, tanto assim que surgiu a pergunta: «Mas o que é isto? Um ensinamento novo [não reduzido ao passado, ao já sabido, mas novo], dado com autoridade».

Isto ajuda-nos a perceber por que razão encontrar alguém que tem autoridade é tão decisivo para a nossa vida, como nos diz Dom Giussani: «O fator mais importante do povo como povo, da companhia como companhia, é aquilo a que chamamos de “a autoridade”. [...] O que é esta autoridade? [...] A autoridade é o lugar onde se torna evidente que Cristo vence. Que quer dizer que Cristo vence? Que Cristo demonstra [...] que corresponde às exigências do coração de maneira persuasiva», a ponto de nos tomar até às entranhas. «A autoridade é, portanto, lugar de paternidade, onde a vida nova – que é aquela em que Cristo responde ao coração, [àquilo] para o qual o homem é feito, onde Cristo responde ao coração – é mais límpida, mais límpida e mais clara. Esta é a verdadeira autoridade». Pode ser um adulto – professor, pai ou padre – ou um colega de turma, em quem veem que uma vida nova é possível, porque o seu rosto “canta” uma novidade.

O seguir esta autoridade, diz Dom Giussani, «é [...] indicado pela palavra “filiação”. Uma pessoa é filha

---

<sup>11</sup> Mc 1,21-28.

da autoridade». De quem reconhecemos como autoridade, porque nos atrai com a sua maneira de viver, somos filhos. Vejam que bonita imagem usa Dom Giussani: «Um filho recebe a cepa do pai, torna-a sua, é constituído pela cepa que lhe vem do pai, é constituído pelo seu pai. Por isso, está totalmente tomado. A autoridade toma-me todo [como vimos na mulher do Evangelho], não é uma palavra que me faz medo ou me faz temer, ou que eu “sigo”». A quantos, hoje, não faz medo a palavra “autoridade”? Aqui não, porque a palavra «autoridade», diz Dom Giussani, «poderia ter como sinónimo a palavra “paternidade”, geratividade, geração, comunicação de *genus*, comunicação da cepa da vida. A escepa de vida é o meu eu que é revestido e tornado diferente por esta relação».<sup>12</sup>

Por isso a verdade que todos procuramos é o acontecer em mim desta relação, é o meu eu investido por esta relação que me gera. E nós, de quem nos reconhecemos filhos? Qual é o sinal de que encontramos uma verdadeira paternidade?

#### 4. A LIBERDADE É A VERIFICAÇÃO DA AUTORIDADE

«A palavra “autoridade”, que corresponde à palavra “paternidade”, [...] gera liberdade. [...] Por isso a autoridade é verdadeira [sabemos que é verdadeira] [...] realmente experimentada [...] quando faz explodir a minha liberdade, faz explodir a minha consciência e a minha responsabilidade pessoal» diante daquilo que tenho de fazer, do estudo, dos afetos, das relações, de mim mesmo. Como é que aquela amiga se interessa por Kant e por matemática sem ter feito um curso para despertar o gosto pelo estudo? Porque encontrou alguém que a gera, a faz renascer, até a fazê-la interessar-se por tudo, faz vir ao de cima o seu eu e a sua responsabilidade pessoal, de tal forma que ela mesma se espanta.

É precisamente a relação com a autoridade, que hoje é entendida por muitos como opressiva, limitadora da própria liberdade – todo o mundo moderno se construiu contra a autoridade, por uma pretensão de autonomia absoluta, pois o homem queria fazer-se por si –, que é indicada por Dom Giussani como a condição para sermos realmente livres. Percebem a diferença que há na forma de pensar a autoridade?

Esta é a razão última pela qual alguém pode encontrar os Liceus e reparar logo na diferença em relação à companhia de sábado à noite: a diferença de experiência que vê em si, graças à liberdade que se surpreende a ter, devido à implicação do seu eu em tudo aquilo que vive.

A verificação desta autoridade que nos liberta, onde Cristo vence, é feita na experiência, qualquer que seja a situação que estamos a viver. Estou a descrever uma coisa que aprendi com os vossos contributos; eu não invento nada, não “imagino” uma coisa que não existe; repito o que vejo e que é para mim uma confirmação de uma experiência que já vivo. E assim cresço, como também vocês crescem aprendendo com o que lhes acontece. Oçam o que escrevem estes vossos amigos e verão como aquilo que acontece nos torna livres em qualquer lugar.

«QUEM É ESTE? Este para mim é um amigo, o meu melhor amigo, uma Presença real que está presente AGORA e se manifesta num rosto com nome e apelido concretos. Este tocou-me o coração e continua a surpreender-me em QUALQUER LUGAR, também na escola, onde dois professores começaram a interessar-se verdadeiramente por nós, como nos sentimos, pelo nosso conceito de amizade; na escola, onde eu e os meus amigos dos Liceus da turma contámos a nossa experiência com o Movimento, e foi maravilhoso ver como alguns dos nossos colegas ficaram impressionados conosco, começaram a fazer

---

<sup>12</sup> L. Giussani, “De uma conversa com um grupo de *Memores Domini*”. In: J. Carrón, “Quem é este?”, *Passos-Litterae communionis*, n. 219, nov. 2019.

perguntas. Eu desejava tudo isto há muito tempo, mas achava que era impossível [é isto o cristianismo: uma coisa que alguém achava impossível e que, pelo contrário, acontece debaixo do seu nariz, investindo-o até à medula], porque achava que os professores estavam ali só porque aquilo era o trabalho deles e porque eu tinha excluído a hipótese de que aquilo de que falamos nos Liceus pudesse interessar também aos meus colegas, que falam de coisas opostas. Pelo contrário, dei-me conta de como nós podemos fazer entrar o Movimento em qualquer lugar, porque é um facto que continua a acontecer independentemente dos nossos pensamentos, e portanto é para todos; e se tiveste um encontro que te mudou, os outros mais cedo ou mais tarde vão dar-se conta, não depende de nós, o importante é manter aceso o nosso desejo».

Outra conta: «Vale a pena recomeçar? Na minha opinião, vale a pena recomeçar não tanto porque me sinto bem nas aulas ou [...] porque não acho trabalhoso estudar; de facto, creio que isso é assim realmente para muito poucos. Para mim, vale a pena recomeçar porque vale a pena viver. Muitas vezes ouço dizer: “Por menos do que tudo não vale a pena viver”, ou: “Quero tudo”, mas será que é mesmo verdade que quero tudo, se vivo nove meses do ano a contar os minutos que me separam do último toque? Então, aquilo que quero é vir a esperar cada dia de escola como espero as férias da comunidade. Talvez eu sinta ansiedade com a verificação, talvez tenha perguntas para as quais ainda não encontro uma resposta, mas quero viver desejando e pedindo para ir para a cama à noite feliz como quando volto do Tríduo». Ela já tem um sinal: começou a acontecer, nalgum momento da sua vida começou a acontecer. Só é preciso verificar se pode acontecer em todo o lado, em qualquer lugar, em qualquer situação. De facto, ela conclui: «Só quando (e se) for assim, é que vou saber que aquilo que dizemos nos Liceus é verdadeiro».

Para concluir, outra amiga oferece-nos a hipótese de trabalho para este novo ano que acaba de começar: «Somos um bando desorientado, simples, quase ninguém crê e pouquíssimos vão à igreja regularmente. Mas isto torna ainda mais urgente a pergunta “Quem és?” e abre uma curiosidade infinita sobre como é que esta presença do Mistério que está entre nós se vai mostrar e nos vai surpreender este ano».

Desejemo-nos uns aos outros nunca perdermos esta curiosidade infinita – que é própria principalmente da juventude, mas da qual também eu, que sou “quase” velho, preciso para viver –: se houver ao menos um de nós, onde estivermos, que esteja curioso sobre como é que o Mistério se vai mostrar presente este ano, nós poderemos ver e reconhecer.

Esta é a verificação que cada um deve fazer, e só quem arriscar aquilo que encontrou na vida é que poderá descobrir com surpresa que o impossível se torna possível.

É a grande aventura que temos pela frente este ano: ver se aquilo que nos investiu, se aquilo que nos atraiu em determinados momentos da vida pode vencer em qualquer lugar; ver se Cristo, que reconhecemos vencedor numa pessoa que reconhecemos como autoridade, pode vencer também em nós. Só o irá descobrir quem tiver a audácia de o verificar.

Bom caminho a todos!

© 2019 Fraternità di Comunione e Liberazione